

O CERCEAMENTO DA CULTURA DE PENSAMENTO LIVRE EM DISTOPIAS ESTÁTICAS E EM PROGRESSO: UM ESTUDO ACERCA DE *1984*, DE GEORGE ORWELL, *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO* DE ALDOUS HUXLEY E *FAHRENHEIT 451*, DE RAY BRADBURY

ADRIANO NOÉ RODRIGUES VOLTMER¹; EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – noevoltmer@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - eduardo.marks@mandic.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos com universos tão impetuosos como a Oceania de Orwell (1949) e a Londres futurística de Huxley (1932), nos questionamos quais ações ou falta de ações levaram aqueles mundos, os quais um dia visaram a perfeição e alcançar os céus, a apenas cravarem grossas raízes de erva-daninha na terra e na mente de seus habitantes, as quais desejam ficar estagnadas e mais sólidas no contínuo do tempo.

Contudo, a aparente punição designada à população desses lugares sombrios parece ser a própria resposta para essa pergunta. A ausência de liberdade sobre o corpo, mente à informação é o gume que penetra na população, sem um “quando” ou “onde” específico, como se fossem mundos sem história, universos que sempre foram assim. No entanto, parece-se possível vislumbrar a gênese dessas histórias que não possuem início ou fim, mas apenas um meio contínuo, estável e inexorável.

Com a grande ascensão do totalitarismo no século XX (CLAEYS, 2010, p. 108) toda projeção utópica, tornou-se diretamente distópica. Esse paradoxo se dá porque a projeção de uma comunidade ou estado em que instituições sociopolíticas, leis e as relações humanas funcionam da forma mais perfeita possível (FITTING, 2010, p. 135) não pode agradar a todos. Logo, a utopia de um será obrigatoriamente a distopia de outra pessoa. Utopias milenaristas, (FIGUEIREDO, 2009, p. 326) como o Jardim de Éden, dependiam da vontade de Deus, e aqueles que não se alinhavam aos dogmas cristãos interpretavam o Paraíso como um mau lugar, da mesma forma pode-se ler a *Utopia* de Thomas More, autor do século XVI criador do termo *utopia*, o qual prezava a igualdade em todas as vertentes. No entanto, esse direito total e a todos presume que aqueles que possuem mais poder terão de cedê-lo, que os grandes proprietários partilharão seus bens.

Ray Bradbury (1953) evoca um mundo que se encaminha para uma grande mudança em *Fahrenheit 451*. E esse trabalho tem como objetivo demonstrar como a ausência de pensamento livre na obra de Bradbury pode gerar uma “fórmula” de sociedade distópica presente na obra de Huxley e de Orwell.

Dentre os acontecimentos mais relevantes para o desenvolvimento e reforçamento de pensamentos distópicos da humanidade no século XX, a primeira e segunda guerra mundial vêm à mente como principais propulsores. Elas são cicatrizes que marcaram quem as presenciou, ou apenas sofreu com seus vestígios que parecem nunca terem se dissipado realmente. Percebe-se que nesse momento a distopia se tornou um incômodo para a sociedade e não pode mais ser ignorado. O pensamento pessimista virou sinônimo de refletir sobre o presente e futuro, e depois das conquistas e derrotas das nações obtidas através

de balas, bombas e mortes. Desta forma, a questão principal daqueles que se encontravam descontentes (lê-se a prole, os pobres famintos, doentes e assustados, ou a inquieta e crítica burguesia) era como manter aquilo que possuíam, sem que se esvaísse, como as vidas e bens tirados pela guerra.

Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley (1932) e *1984* (1949), de George Orwell foram escritos sob esse fôlego. As obras apresentam duas estratégias de dominação de massa que se superficialmente parecem serem diferentes, sob um olhar atento, revelam-se fins paralelos de um mesmo começo. Partindo desse princípio, devemos nos questionar que começo é esse e onde encontram-se os presságios dessas distopias.

Ray Bradbury oferece em seu livro *Fahrenheit 451* uma distopia cujas diferenças e semelhanças parecem apontar para uma possível resposta dessa pergunta: livros queimados dentro de um livro.

2. METODOLOGIA

A partir dos conceitos de utopias e distopias transgressivas de Mohr (2007), procuramos compreender a origem e inexorabilidade das sociedades e estados apresentados em *1984* de George Orwell, *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, e *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury, propondo, em contrapartida, um conceito de distopias estáticas e em progresso.

Analizando a forma que a cultura de pensamento livre é cerceada nas obras, nos valem os conceitos apresentados por Carolina Dantas de Figueiredo (2009) para definir a ideia de liberdade e como ela se manifesta e é tomada da população nesses textos literários.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dunja Mohr (2007, p. 8) traça um paralelo entre as distopias clássicas e pós-modernas e afirma que “as utopias clássicas escondem suas origens e regozijam com a abstinência de progresso ou desenvolvimento histórico”. Isto é, esses lugares apresentam-se de forma quase atemporal, “a-histórica”, imponentes como se sempre estivessem onde estiveram. Mustafa, personagem do *Mundo Novo* compactua com essa ideia dizendo que “não se pode fazer tragédias [arte] sem instabilidade. Você deve escolher entre felicidade e o que as pessoas costumavam chamar de obra de arte”. (HUXLEY, p. 198,199). Interpreta-se que toda leitura do mundo, seja uma manifestação artística, ou registro histórico, são potencialmente perigosos para a estabilidade desses mundos.

Estas utopias clássicas trazem estados que exercem controle absoluto, sendo esse coercivo ou não, para estabelecer a ordem e manterem-se no poder indeterminadamente.

Uma vez designada ao homem a chance de construir um futuro melhor, o discurso de Figueiredo vai ao encontro do de Mohr. A autora diz que “o projeto de More, assim como todas as utopias que o sucedem, apresenta como fragilidade fundamental o caráter estático. Para existirem e subsistirem de modo perfeito as utopias devem ser imutáveis”. (FIGUEIREDO, 2009, p. 337). Desta forma, o homem necessita de um elemento padronizador, ferramentas que permitam com que ele faça o realinhamento de uma nação e possa mantê-la da forma que deseja.

Diante das obras de Huxley e Orwell, o estado totalitarista é aquele responsável pela perpetuação das (dis)topias. Observa-se ainda que a noção de falta de desenvolvimento histórico que Mohr menciona está diretamente

associada à forma na qual esses estados apagam seus passados. Em *Admirável Mundo Novo* com a campanha contra o passado (HUXLEY, p. 56), destruição de museus e “fazendo as pessoas amarem seus inevitáveis destinos sociais” (HUXLEY, p. 26).

Em 1984 (ORWELL, p. 39) com a constante reescrita da história, como observa-se no seguinte trecho:

Ele, Winston Smith, sabia que a Oceania havia aliado-se à Eurásia, há mais ou menos quatro anos. Mas esse conhecimento realmente existe? Apenas em sua consciência, que por via das dúvidas, deve ser aniquilada. E se todos os outros aceitaram a mentira a qual o Partido impôs – se todos os registros dizem a mesma coisa - então a mentira passa a ser história, e se torna verdade. “Aquele que controla o passado”, diz o slogan do Partido, “controla o futuro: e quem controla o presente, controla o passado”.

Essas manobras têm como objetivo criar um povo uníssono, que se comporta e pensa da mesma forma: pró-manutenção e proteção dessas distopias, ou como os trabalhadores das incubadoras dizem: “o que o homem uniu, a natureza não consegue separar” (HUXLEY, p.30). E através do bloqueio ao acesso à cultura, história e passado é que o homem não encontra-se ou sequer crítica o mundo sob um viés temporal, e perde sua individualidade.

Apesar da diferente abordagem existente entre esses dois autores, o condicionamento biológico em *Admirável Mundo Novo* e a opressão e tortura em 1984 se manifestam como consequência do cerceamento da cultura do pensamento livre que se manifesta nessas distopias.

O controle de um governo e a confiança de um povo está diretamente ligado ao acesso à verdade, essa obediência dura e se estende até onde a razão e reflexão dos cidadãos pode chegar (FIGUEIREDO, 2009, p. 349). Compreende-se nesse trabalho o termo liberdade como as escolhas que um cidadão pode fazer e um governo como tirano quando um povo sente a necessidade de protestar, ou mostrar indignação.

Estratégias como o *soma*, droga alucinógena, na obra de Huxley, e os *Dois Minutos de Ódio* na de Orwell são manobras que mais se assemelham à antiga política de pão e circo, e serve para fazer a manutenção do controle psicológico da população.

Assim, a liberdade absoluta do sujeito, isto é, a liberdade de crença, sentimentos e pensamentos, aparentemente intangível pela manipulação direta, se torna acessível ao estado, por meio de um complexo jogo de domínio físico e mental e de uma população feliz, premissas reforçadas também quando o diretor do centro de incubação diz que educação moral nunca deve ser ensinada a ser racional, nem de forma racional. (HUXLEY, p. 34).

Observa-se então que o mundo de Montag, protagonista de *Fahrenheit 451*, está intimamente próximo ao de Huxley e Orwell. O fator que os diferencia é que ao invés de uma distopia estática, temos um mundo que progride rapidamente para o domínio absoluto através da queima de livros: o cerceamento da cultura de pensamento livre. A obra narra o processo de apagamento de um passado e do pensamento crítico, jogada que gera um mundo de indulgência e hedonismo, como o Mundo Novo ou um universo de guerra e constante vigília como a Oceania.

Assim como nessas duas obras, em *Fahrenheit*, a cultura do pensar é substituída pela cultura da ignorância, através da banalização dos meios de comunicação e deturpação das escolas. Lentamente, a população começa a temer o que é indireto, subjetivo, devido à constante evolução e velocidade da

vida contemporânea, os livros, fontes de interpretações alternativas do presente e do passado, perdem espaço para a cultura de massa, junto com a individualidade do ser.

4. CONCLUSÕES

A atmosfera de mudança e de processo de alienação presente *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury anuncia uma mudança silenciosa: a criação de uma distopia estática como os mundos de Orwell e Huxley. Através da eliminação da individualidade e da liberdade absoluta, esses universos se perpetuam e são protegidos pela própria população, pois uma vez que o cerceamento da cultura de pensamento livre acontece, o pensar crítico se extingue e, por conseguinte, o desejo de liberdade é eliminado. Smith (ORWELL, p. 59) ilustra isso muito bem ao dizer que “até eles se tornarem conscientes, nunca se rebelarão, e até se rebelarem, nunca se tornarão conscientes”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRADBURY, Ray. **451 Fahrenheit**. United States: Flamingo Modern Classics, New Edition, Kindle Edition, 2012. Não paginado.

CLAEYS, Gregory. The origins of dystopia: Wells, Huxley and Orwell. In G. Claeys (Ed.), **The Cambridge Companion to Utopian Literature** (Cambridge Companions to Literature, pp. 107-132). Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas. Da utopia à distopia: política e liberdade. Recife: **Revista Online de Literatura e Linguística Eutomia**, Julho/2009.

FITTING, Peter. Utopia, dystopia and science fiction. In G. Claeys (Ed.), **The Cambridge Companion to Utopian Literature** (Cambridge Companions to Literature, pp. 135-153). Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HUXLEY, Aldous. **Brave New World & Brave New World Revisited**. United States: Harper Collins, 2004.

LYMAN Tower Sargent. **Utopianism: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

MOHR, Dunja M. Transgressive Utopian Dystopias: The Postmodern Reappearance of Utopia in the Disguise of Dystopia. **Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik (ZAA)**, 55.1, p. 5-24, 2007.

ORWELL, George. **Nineteen Eighty-Four: The Annotated Edition**. United Kingdom: Penguin Classics, 2001.